

SINAIS DE UMA SOCIEDADE OCULTADA

Paulo Cezar Barbosa Mello¹

Resumo: As políticas atuais e suas propostas de adequação, não levam em consideração seus ocupantes, os quais são identificados por suas vivendas. Como todo habitante, é comum compreender sua casa e seu morador, traços, cheiros, decoração, enfim, atribui-se uma identidade. Ao analisar o espaço urbano, pode-se perceber o diálogo visual constante, instituindo e colapsando lugares, transformando e nomeando, ou simplesmente identificando o espaço. A noção de lugar como espaço de relações de troca é sempre imbuída de identidades que clamam por um reconhecimento. Esta proposta é um debate a um trabalho em desenvolvimento que busca evidenciar esta sociedade oculta identificada através de suas marcas. A busca principal são as questões ideológicas e culturais, reafirmações de identidade (?) através dos espaços tomados e de suas assinaturas presentes em muros e em diversos outros lugares.

Palavras-Chave: História da Cultura. Urbanidade. Pixo. Sociedade.

Abstract: Current policies and their adequacy proposals do not consider their occupants, who are identified by their homes. Like every inhabitant, it is common to understand their home and their residents, traces, smells, decoration, in short, an identity is attributed. By analyzing the urban space, one can perceive the constant visual dialogue, instituting and collapsing places, transforming and naming, or identifying the space. The notion of place as a space for exchange relationships is always imbued with identities that claim for recognition. This proposal is a debate to a work in progress that seeks to highlight this hidden society identified through its marks. The main search is ideological and cultural issues, reaffirmations of identity (?) through the spaces taken and their signatures present in walls and in several other places.

Keywords: Culture History. Urbanity. Tags (PIXO). Society.

¹ Estágio pós doutoral no PPGEAHC – UPM supervisionado pela Dr^a Rosana Schwartz. E-mail: pcmello@gmail.com.

Uma breve introdução à pesquisa

O olhar é seletivo!

Em *Dimensão Oculta* (HALL, 2005) é demonstrado como os sentidos são baseados e estipulados em cultura, na mesma cultura que se forma hodiernamente. Ignorar a parcela da sociedade que não se adequa ao bonito, ao rico, ao normal, é tão rotineiro quanto esta formação.

As grandes metrópoles, como São Paulo, são ricas em culturas visíveis e invisíveis, as quais são validadas de acordo com a compreensão (para não dizer o gostar) de alguns poucos selecionados. Essas culturas são muitas vezes apenas representadas por um marco que assinala o lugar² e não-lugar augêniano, consolidando ou reafirmando identidades presentes. Este papel validador cultural ignora a existência de uma identidade muito maior.

O espaço urbano paulistano é rico em reentrâncias espaciais e milionários culturais, ignorados até mesmo por aqueles que olham por eles. Seus gritos são por vezes visuais, que marcam a cidade em uma miríade de formas e assinaturas. Suas vontades e ideologias dialogam com o todo, mas são realmente menosprezadas. Este projeto visa tocar estas culturas invisíveis dos não-lugares e de identidade ilegível. Muito mais do que suas artes, sua identidade.

Para compreender um pouco mais sobre o projeto é preciso compreender a trajetória acadêmica do pesquisador. Doutor PC Mello é publicitário, especialista em design, criador e organizador do CIANTEC — Congresso Internacional em Artes, Novas Tecnologias e Comunicação —, mas só começa a compreensão do espaço em seu mestrado, ‘Hiperarte: Uma poética do Suporte’ (MELLO, 2009), onde desenvolveu a noção da virtualidade do espaço e as características estéticas da contemporaneidade e a percepção estética deste espaço híbrido, tendo por base a poética de Bachelard. Em seu

² Faz-se necessário salientar que o conceito de lugar utilizado nesta proposta é o mesmo da geografia, no qual o significado da paisagem cultural é o se define como lugar, suas relações e atribuições fenomenológicas. Em síntese: as relações depreendidas em um espaço de troca e seus significados.

doutorado intitulado *Site specificity* na arte contemporânea: Inhotim — Tese defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo em 2015 — a busca continuou sendo o espaço, mas agora o espaço físico, expandido, existencial, destinado à arte, mais especificamente à arte contemporânea em lugares específicos. Uma vez compreendido esta motivação torna-se quase palpável a busca identitária cultural do espaço paulistano contemporâneo e suas nuances.

Em resumo, este ensaio visa debater e evidenciar a sociedade oculta que deixa, através de suas marcas visíveis, nem sempre compreendidas, um grande museu a céu aberto não institucionalizado... por vezes em ocupações que são verdadeiros cubos brancos, beirando a institucionalização. A busca principal são as questões ideológicas e culturais, reafirmações de identidade (?) através das ocupações e de suas assinaturas presentes em muros e em diversos outros lugares.

Alguns problemas a justificar

The space in which we live, which draws us out of ourselves, in which in the erosion of our lives, our time in our history occurs, the space that claws and gnaws at us, is also, in itself, a heterogeneous place. In other words, we do not live in a kind of void, inside of which we could place individuals and things. We do not leave inside a void that could be colored with diverse shades of light, we live inside a set of relations that delineates sites which are irreducible to one another and absolutely not superimpose on one another³. (FOUCAULT, 1998)

Um espaço físico é cerceador e limitante em diversos aspectos sociais. Limitador, pois, o público e o privado delineiam acessos. Cerceador porque mesmo quando público o espaço

³ SIC — O espaço em que vivemos, que nos tira de nós mesmos, em que a erosão de nossas vidas, de nosso tempo e de nossa história ocorre, o espaço que nos corroe, nos arranha, é também um espaço heterogêneo. Em outras palavras, nós não vivemos em uma espécie de vazio, dentro do qual nós podemos colocar indivíduos e coisas. Nós não vivemos dentro de um vazio que pode ser colorido com diversos tons de luzes. Nós vivemos dentro de um conjunto de relações que delineiam lugares que são irreduzíveis a um outro e absolutamente que não se sobrepõem um sobre o outro.

é carregado de regras veladas e às vezes irreais, vale discutir mais! Na realidade, o tema, suscita muita reflexão.

Por base nas políticas públicas atuais⁴, todo espaço público é de acesso limitado. As propostas de transformação e adequação não levam em consideração seus tradicionais ocupantes, os quais são caracterizados e, por vezes, identificados por suas vivendas. Como todo habitante, é comum compreender sua casa e seu morador, traços, cheiros, decoração, enfim, desenvolve-se uma identidade. Marc Augé identifica esta situação.

Ao analisar o espaço urbano, pode-se perceber o diálogo visual constante, instituindo e colapsando lugares, transformando e nomeando ou simplesmente identificando o espaço. A noção de lugar como espaço de relações de troca é sempre imbuída de almas, de identidades que clamam por um reconhecimento.

É possível até reconhecer a urbe ou, melhor, suas paredes, como um imenso *Salon de Refuseés* que insiste em (r)existir há quase 150 anos. A mesma ideologia apregoada por Giddens (2002) vale até hoje. O sistema, agora não de artes, mas de urbanidade, se amplia um pouco mais. O foco não é a modernidade artística, mas o espaço ocupado por memórias e ações de pessoas excluídas do mesmo sistema que perdura desde a Idade Média. Um sistema de estamentos onde a topografia identificava o indivíduo. Promessas vazias de uma participação mais representativa é sempre o chamariz para apagamentos e minimizações históricas (PINHEIRO, 2005). Se obras de arte legitimadas ocuparam o espaço urbano, por que as ações neste mesmo espaço não são minimamente reconhecidas? (VENTURELI, 2004).

As pontuações acima são críticas evidentes que redundam em uma resposta comum de culpabilização e distanciamento. Fato é:

- As grandes discrepâncias sociais são facilmente vistas e igualmente ignoradas — não existem políticas de inclusão que suportem a realidade em suas variações ou que minimamente resolvam;

⁴ Governo Bolsonaro em 2022.

- Estas discrepâncias resultam em apagamentos culturais, identitários e ideológicos — estes abortos sociais recaem sobre pessoas, famílias, sociedades inteiras pertencentes a um governo que os ignora;
- Estes indivíduos são facilmente tachados como párias — muitas vezes tudo que reivindicam é o reconhecimento de seu lugar na sociedade;
- Os lugares na cidade são pontos em comum — a noção de paisagem cultural é realmente levada à essência e compreendida como sendo o ponto de encontro e visibilidade de todos;
- A cultura de uma cidade se desenvolve nessa paisagem — transcendendo a cultura local para o espírito universal. Sim, é uma extrapolação de Eagleton em toda a sua fala, inclusive nos usos mais popularescos e errôneos de cultura (data).

Algumas teorias

Sob a base teórica e metodológica de Terry Eagleton, esta pesquisa vem se desenvolvendo, desvendando origens, discutindo as mudanças e identificando as dialéticas entre os choques e os pontos de encontro. A sociedade não é apenas vilanizada, ela é também um fator de criação e desenvolvimento. É preciso conhecer as questões locais e universais para se criar uma visão homogeneizadora da realidade contemporânea e seus desvios.

Outro autor que serve de suporte teórico é Giddens, primeiramente por compreender a contemporaneidade como extensão da modernidade (tardia) e em segundo lugar, por cruzar as referências com Lippard ao tratar da multacentralização do local, uma característica que ambos tratam em diferentes níveis e, ainda assim, conseguem estabelecer uma boa compreensão das sociedades e suas ações. Lippard ainda trata do local oculto como formação de identidade.

Sobre a História Cultural compreende-se que a história não estuda os acontecimentos passados, mas, sim, o homem e sua ação no tempo. As transformações na sociedade humana ao longo do tempo – os fenômenos de percepção individual e as representações

coletivas são focos. A história é social e cultural. A cultura faz parte da estrutura social. Os indivíduos são problematizados como agentes pensantes, convivem com permanências, continuidades e rupturas que se relacionam com a experiência vivida e com a escrita da história.

A história é registrada por meio de interpretações, sendo ela mesma uma representação. O conceito de Representação ganha espaço e proporciona sentidos ao mundo e se manifestam por meio de discursos, imagens, práticas, ações criativas, na educação, na vida. Foca-se na tradução do mundo, a partir da cultura, em tecer os fios da trama da vida. Dessa forma, entrelaça-se em ecossistemas políticos (sistemas políticos). Conhecer as bases socioculturais desse ecossistema e os valores e normas que o sustentam, contribui para as abordagens do cultural, do político, abre caminhos para questionamentos sobre como as pessoas aderem aos mesmos sistemas de representações coletivas, como um fato foi representado, ressignificado e como continua sendo representado.

O interesse centra-se no sujeito agente e pensante – o ator, o protagonista dos acontecimentos (todos os indivíduos, as mulheres, as crianças, os despossuídos, os sem-terra, sem-teto, os deslocados e desterritorializados) trazem ações carregadas de identidades/pertencimentos, ou seja, maneiras de ser, agir e sentir na vida cotidiana. As identidades são vistas enquanto construções simbólicas de sentido, que organizam um sistema compreensivo com base na ideia de pertencimento, são construções imaginárias que produzem a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo e relacionais, pois elas se constituem a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao “EU” ou ao “NÓS” do pertencimento que coloca o outro como o diferente, o estranho.

Os eixos da pesquisa: História do Presente estudada por meio de Novos Problemas; Novos Campos e Novas Representações.

O retorno do político na historiografia, na escrita da história a partir dos anos de 1970, leva à história do presente, que ocorre por causa da necessidade social, da demanda social e do impacto de gerações de pesquisadores. De uma certa forma, este campo de pesquisa da História Cultural comparece como uma forma dos estudos que relaciona a História, o Político, a Cidade, o Cultural, as Representações e a Memória.

Ao mergulhar sobre o fazer essa história, colocam-se questões metodológicas e epistemológicas que esbarram em aspectos sobre a presença física do pesquisador em seu tempo, tema e fenômenos da contemporaneidade inerentes às reverberações de memória, noção de representação relativa à força das imagens e dos discursos (pintura, pixos, esculturas, cinema, música, teatro, dança, corpo, cidades, arte/educação), além de valores, comunidades e movimentos na composição de um imaginário mobilizador. Estes correspondem a uma espécie de laboratórios, ao vivo, da construção e da aplicabilidade das representações sociais que se apresentam aos olhos do pesquisador.

Essas representações estão na cidade que não é mais considerada só como um *locus*, seja da realização da produção ou da ação social, mas sobretudo como um problema e um objeto de reflexão. Hoje não estudamos apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. A História Cultural trabalha o imaginário urbano, o que implica tratar dos discursos, das imagens as representações que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais. O político aparece nos saberes específicos ou modalidades sensíveis das leituras sobre o urbano. Uma cidade contém muitas cidades. Assim, as imagens, os pixos na e da cidade são rerepresentações de mundo elaboradas para serem vistas, problematizar uma questão ou perenizar uma história. Estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e o do produtor, tendo como referente a ‘realidade’, são formas de representação que constituem um imaginário, portanto, possuem códigos especiais, espécies de ícones ou signos que remetem a uma lógica de significados para uma época dada e uma função epistêmica, de dar a conhecer algo, uma função simbólica de dar acesso a um significado, e uma estética, de produzir sensações, inquietações e emoções no espectador.

Pretende-se realizar uma pergunta para essa imagem para tomá-la como representação, ou seja, como traço ou fonte que se coloca no lugar do passado/presente. Ver, na imagem, quais os valores e os sentimentos que se busca transmitir, quais os sonhos e fantasias de um tempo dado ou quais os valores e as expectativas do social com relação aos atores.

A partir da História Cultural encontra-se o método que fornece ao pesquisador meios de controle e verificação, possibilitando uma maneira de mostrar, com segurança e seriedade, o caminho percorrido, a produção de sentidos e revelações que se

transformarão em texto. O arrolamento das fontes-provas e a sua composição em encadeamentos lógicos de sentido são reforçados pela escrita. Assim os autores e teóricos principalmente que tratam do pixo serão elencados no decorrer do levantamento das fontes.

Situação atual – ainda não é conclusão



Identidade desenvolvida – C% com óculos e sorriso abaixo – Pixo e Tag.

Crédito: Arquivo pessoal



Identidade desenvolvida – C% com óculos e sorriso abaixo – Muro

Crédito: Arquivo pessoal



Saída com tentativa de desenvolvimento de identidade – Seza como pixo e óculos e sorriso como tag. À direita e em detalhes, *stickers*, outra faceta do pixo, espalhadas pela cidade aleatoriamente, um outro artigo só para os *stickers*.

Crédito: Arquivo pessoal

Este trabalho vem se desenvolvendo em camadas. Para compreender a situação hipotetizada foi necessário um primeiro trabalho antropológico, como visto nas imagens acima. O autor passou a participar das ‘pegadas’ do meio, agindo e criando uma identidade para ser reconhecido. A frase “se não te vi tu não existe” fez com que parte do trabalho fosse compreendido como entrada para a sociedade ao mesmo tempo em que explica o que não é visto pelas políticas públicas. Surgiu, então, uma nova identidade que permeia as diversas camadas do pixo como muros e *stickers*. Ideias pré-concebidas — preconceitos reais — estão sendo ainda desmistificadas, muitas mudanças acontecem como respostas ao meio, muitas outras formas de ‘marcas’ são igualmente pixos. É um campo vasto para compreensão e atuação. Este trabalho ainda está sendo desenvolvido com bases na realidade urbana de São Paulo, seus habitantes e suas idiossincrasias. Longe

de ser uma conclusão, esta pesquisa é uma constatação de como as políticas atuais reforçam as desigualdades sociais, ocultando embaixo de um tapete de belo e feio toda uma sociedade não contemplada, ocultada!

Referências

- AUGÉ, M. **Não-lugares**. Lisboa: Letra Livre, 2012.
- BACHELARD, G. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.
- CANTON, K. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CANTON, K. **Espaço e lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CAUQUELIN, A. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHARTIER, R. **Formas e sentido – Cultura Escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 2003.
- EAGLETON, T. **Ideia de cultura**: São Paulo: UNESP, 2011.
- ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. 7. Ed. São Paulo. Perspectiva, 2011.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **Espaço em relação: fluidez e simultaneidade**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento529418/espaco-em-relacao-fluidez-e-simultaneidade-2009-salvador-ba>>.
- FOUCAULT, M. **Of other spaces**. In: MIRZOEFF, N. (ed.). *Visual Culture Reader*. London: Routledge, 1998, p. 239.
- FREITAS, V. **Adorno & a arte contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- GIDDENS, A. **A Constituição da sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GINZBURG, C. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HEGEL, G. W. F. **Cursos de estética volume III**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- JAMESON, F. **Marcas do Visível**. Graal, 1995.
- JAUSS, H. R. **A estética da recepção: colocações gerais**. In: LIMA, L. C. (Coord. e Trad.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, pp. 67-84.
- KANT, I. **Immanuel Kant textos seletos**. 2.Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KAYE, N. **Site-specific art: performance, place and documentation**. London: Routledge, 2000.

KOSELLECK, R. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio. 2006.

LÉVY, P. **O Que é Virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LIPPARD, L. R. **The lure of the local**. Senses of place in a multicentered society. New York: New York Press, 1997.

LORIGA, S. **O pequeno X: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MALERBA, J. (org.). **História & Narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MELLO, P. C. **Hiperarte: uma poética do suporte**. São Paulo: PMStudium C&D, 2009.

MORRIS, R. **The present tense of space**. In: Continuous project altered daily: the writings of Robert Morris. Cambridge: The MIT Press, 1993, pp. 199-201.

PEIXOTO, N. B. **Paisagens urbanas**. 2. ed. São Paulo: Senac, 1998.

SANTOS, J. F dos. **O que é pós-moderno**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ** - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. P. 24-42. Disponível em <www.geouerj.uerj.br/ojs>.

SERAFIM, L; SANTOS, A. **Representação e representatividade nos espaços de participação Cidadã**. São Paulo, CEBRAP: IDS, 2008.

SERRES, M. **Diálogo sobre a ciência, a cultura e o tempo**. São Paulo, Instituto Piaget: 2006

STEINBERG, L. **Outros critérios: confrontos com a arte do século XX**, São Paulo: Cosac Naify, 2008.

VENTURELLI, S. **Arte: espaço, tempo, imagem**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.